

Culturas juvenis e a arte de festejar na sociedade contemporânea¹

Las culturas juveniles y el arte de fiesta en la sociedad contemporánea.

Youth cultures and the art of partying in contemporary society

Thais Macedo Lopes²

Maria Salete de Souza Nery³

Resumo

A construção social da festa forjada pelo modelo capitalista ocidental, sendo pensada e operacionalizada para ser consumida dentro de uma lógica verticalizada, causam distinções e desigualdades sociais. Neste contexto, as culturas juvenis se encontram entrelaçadas sob novas formas de sociabilidades festivas que envolvem o mercado de consumo e as redes sociais. Assim, diante do problema cultural faz-se necessário descolonizar, desmercantilizar o olhar juvenil sobre as formas de entretenimento tornando os espaços mais justos e polifônicos. Para subsidiar a discussão contamos com o autor: Boaventura de Sousa Santos e autores da sociologia da juventude como: Juarez Dayrell, visando desconstruir os significados que tal modelo de festa representa para os mesmos jovens no reconhecimento de si (autoestima, pertencimento a grupos e definição/expressão de estilos de vida).

Palavras-Chave: Construção social da festa; cultura juvenil; descolonizar.

Resumen

La construcción social del fiesta forjada por el modelo capitalista occidental, siendo pensada y operacionalizada para ser consumida dentro de una lógica vertical, provocando distinciones y desigualdades sociales. En este contexto, las culturas juveniles se entrelazan bajo nuevas formas de sociabilidad festiva que involucran al mercado de consumo y las redes sociales. Así, ante la problemática cultural, es necesario descolonizar, desmercantilizar la mirada de los jóvenes a las formas de entretenimiento, haciendo los espacios más justos y polifónicos. Para apoyar la discusión contamos con el autor: Boaventura de Sousa Santos y autores de sociología juvenil como: Juarez Dayrell, con el objetivo de deconstruir los significados que este modelo de fiesta representa para los mismos jóvenes en el reconocimiento de sí mismos (autoestima, pertenencia a grupos y definición / expresión de estilos de vida).

Palabras claves: Construcción social del fiesta; cultura juvenil; descolonizar.

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Mestranda em Memória Linguagem e Sociedade- UESB; Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; thaismacedo@yahoo.com.br

³ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia; Professora associada da Bahia Universidade Federal do Recôncavo da (UFRB); Salvador; Bahia; Brasil; saletenery@uol.com.br

Abstract

The social construction of the party forged by the Western capitalist model, being thought and operationalized to be consumed within a vertical logic, causes social distinctions and inequalities. In this context, youth cultures are intertwined under new forms of festive sociability that involve the consumer market and social networks. Thus, in view of the cultural problem, it is necessary to decolonize, de-mercantilize the youth look at forms of entertainment, making spaces more fair and polyphonic. To support the discussion we have the author: Boaventura de Sousa Santos and authors of youth sociology such as: Juarez Dayrell, aiming to deconstruct the meanings that this party model represents for the same young people in the recognition of themselves (self-esteem, belonging to groups and definition / expression of lifestyles).

Keywords: Social construction of the party; youth culture; decolonize.

1. Introdução

Neste artigo sigo caminho inverso, não parto das experiências daqueles que sofrem o efeito do projeto de dominação capitalista e colonial. Inicialmente problematizo a construção social da festa formada nesse modelo enquanto paradigma hegemônico nocivo as culturas juvenis. E posteriormente apresento formas de descolonizar o olhar frente ao consumo festivo contemporâneo, demonstrando como podem ser mais justo e polifônicos.

A festa a qual me refiro, são os shows ou eventos que nasce a partir da modernidade, capitalista e industrial, atualmente denominados de *prime*⁴ ou *privilege*⁵ pensados e operacionalizados para ser consumido dentro de uma lógica verticalizada que define um tipo de público, ao mesmo tempo que o impele a uma homogeneização pela adesão a um estilo de vida massificado, consumindo além da festa propriamente dita, a imagem de si e de outros nas redes sociais e uma série de consumos paralelos tais como: moda- vestimenta, calçados, acessórios personalizados da festa como boné, copos, blusas, etc. A promessa em jogo é que o consumo leva ao pertencimento e, portanto, à diminuição das distâncias quanto a grupos mais privilegiados. Em outros termos, o estilo de vida adotado ganha expressão em elementos de consumo, de roupas a festas, e, assim, experimenta-se a fantasia de que consumir determinados bens associados a certos estilos de vida é automaticamente emblema de pertencimento ao grupo.

⁴ Termo utilizado em inglês que assume característica simbólica de diferenciação, sendo um fetiche ou status na sociedade contemporânea.

⁵ Termo também em inglês com carga simbólica voltada ao aumento da valorização da festa, sendo ela a principal e importante ser consumida e vivenciada.

Essa problemática violenta aqueles que não se enquadram na lógica consumista. Assim, me coloco na posição de repensar essa estrutura desigual presente na realidade juvenil que diante do contexto globalizado e tecnológico, tanto interfere na construção identitária dos jovens e em suas sociabilidades.

Trata-se de discutir o lugar que ocupamos atravessado pelo modelo festivo excludente, consumista e tecnologicamente mediado, pois observamos que uma certa forma de viver e lazer ocidental e capitalista vem sendo imposta. Dessa forma, reafirmamos as formas simbólicas de dominação e buscamos sua subversão a partir do enfrentamento direto. O caminho para tanto é a afirmação da pluralidade inerente ao modo de ser jovem como vetor de problematização da tendência em pensar o modelo capitalista de festa como o único existente.

2. A construção social da festa contemporânea

A festa historicamente nasce como experiência prazerosa da vida coletiva para incluir ou celebrar. Segundo Itani (2003) a festa é um fato social, histórico e político, que constitui espaços para produção de discursos e significados partilhados na experiência coletiva. Podemos acrescentar que a festa pode ser lida como momento para construção e reafirmação de um modelo societal. Assim, pela via do prazer, podem ser reforçados laços comunitários, mas também numa lógica de reafirmação e mesmo naturalização de desigualdades socialmente constituídas. Longe de isso significar uma crítica à existência de festas, importa identificar e compreender a multiplicidade de modos como elas são gestadas e vividas por seus participantes nos diferentes contextos sócio-históricos nos quais se apresentam.

No caso em tela, tratamos inicialmente de festas que se dão em contexto capitalista e em conformidade com sua lógica. Deste modo, apresenta-se não apenas como momento para relaxamento de tensões, mas como momento propício, pela sensação de distância em relação às amarras da vida ordinária, à efetivação de formas simbólicas e tácitas de dominação de considerável eficácia. A festa, no Brasil, tem sido, desde o período colonial, controlada pelo Estado ou pela igreja, e, posteriormente, com o desenvolvimento do capitalismo, o seu uso para fins de dominação passou a ser mercadologicamente organizado, o que proporcionou cruzar os interesses econômicos aos políticos em estilos de festejar que vão na direção do “fechamento” e, pois, acessíveis apenas a quem pode pagar, ou se esforça para isso, e que posteriormente foi se subdividindo em camarotes Vips, prime, all-inclusive, open bar, etc. ,

constituindo segmentos específicos dentre aqueles pagantes e tais segmentos constituem um modo de organização da festa e dos acessos em que a localização econômica superior confunde-se com o lugar do gosto e estilo mais desejados. Em suma festejar pode ser um modo de reforçar as contradições sociais, mas desejamos enfatizar que pode igualmente ser seu oposto, contribuindo para resolver, pelo menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social (AMARAL, 1998).

O pensamento moderno ocidental é abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são divididas através de linhas radicais em dois universos distintos o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha” (SANTOS, 2009, p. 19)

Dialogamos com Boa Ventura por constatar, na realidade empírica que as festas de moldagem característica no capitalismo são abissais, representam o mundo de forte clivagens socioeconômicas e são mecanismo para sua construção, pois estruturam relações, definem comportamentos, gostos, estilos e ajudam a legitimar a lógica excludente segundo a qual só é legal ter, participar e consumir por saber que outros não terão acesso. Alimentam-se assim as concorrências e celebram-se as diferenças que seriam visibilizadas agora através das novas formas de sociabilidade contemporânea, que envolvem o exibicionismo nas redes sociais e *performances* ligadas à imagem de uma certa “felicidade”.

Essa analogia nos permite entender como o modelo de festa forjada pelo modelo capitalista ocidental se configura enquanto paradigma hegemônico que homogeneizar e segregar, tornando-se uma forma de classificação social, especialmente para uma juventude que está em processo de construção identitária.

Os impactos do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das epistemologias dominantes interferem na construção das identidades juvenis, bem como na valoração dadas às diversas formas de saberes e práticas e na sua forma de ler e perceber a realidade social. Segundo SANTOS (2009), epistemologia é toda noção ou ideia que conta como conhecimento válido, não há pois conhecimento sem prática e atores sociais. E como umas e outros são existem senão no interior de relações sociais.

A existência de uma cultura dominante impacta nas identidades juvenis. Segundo STUART HALL (1997), as identidades são um processo de identificação que permite posicionar-se no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem,

relacionadas à produção de subjetividades, parcialmente de modo discursivo e dialógico. Dessa forma, segundo o autor, torna-se insustentável manter a distinção entre “interior” e “exterior”, “entre o social e o psíquico, quando a cultura intervém”.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (HALL, 2006, p. 13).

Hall nos leva à noção de “construções identitárias”, desenvolvidas a partir das relações entre indivíduos em sociedade. Assim, identidades são construídas a partir das relações com os outros, e tais relações são variáveis. Em consequência, tratam-se melhor de identificações, pois não se tratam de eus fixos, e sim de subjetividades socialmente constituídas e reconstituídas ao longo das experiências. Mas, ainda assim, que vão se constituindo a partir das bases que vão se formando. Deste modo, cumpre compreender esse momento que foi construído social e historicamente como tão crucial de reflexividade sobre o si, que é a juventude, uma vez que esse aguçamento da reflexividade, do diálogo com o si mesmo através dos outros, marcado pelo desejo de autonomia em relação às fortes referências familiares, se faz através fundamentalmente das redes de amigos e da relação com aqueles que acabam sendo constituídos como ídolos.

Nessa perspectiva, é evidente que não podemos falar de uma cultura juvenil homogênea, tanto que a estamos utilizando no plural. Ao contrário, expressa um conjunto de significados compartilhados, um conjunto de símbolos específicos que expressam a pertença a um determinado grupo, uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, por meio dos quais a vida adquire um sentido. O processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida na qual os jovens estão sendo socializados.

Uma vez que as festas são construção social e, portanto, definidas em seus modos de experimentação e significados socialmente, propomos pensar o fenômeno festivo contemporâneo a partir de uma reinvenção dos lugares, como uma forma de resistência a toda forma de poder e classificação social que tem sob égide o mercado de consumo e as redes sociais. Visamos construir, ou desconstruir, esses espaços buscando condições de diálogos

horizontais para que as culturas juvenis tenham formas de entretenimento mais heterogêneas e igualmente válidas socialmente.

3. Festa, culturas juvenis e descolonialização

Considerando a cultura como produto e produtora do humano que se dá a partir do material e do simbólico, como elemento identitário (TRANCOSO, 2016), não deveria haver hierarquização nas manifestações culturais e a festa deveria se apresentar apenas como modos de experienciar das juventudes em condições heterogêneas. No entanto, quando a festa é atravessada pelo mercado e por um modelo festivo ocidental, as culturas juvenis se estabelecem mais como reprodutoras de uma cultura ortodoxa do que produtora de uma cultura descolonial. Essa problemática reside no fato que expressamos a seguir:

As juventudes e suas culturas configuram-se alvo dessa investida paradoxal: a padronização de gostos é concomitantemente trabalhada na busca por convencer as pessoas de que é a sua individualidade que trará a exclusividade em possuir, ou consumir algo, que outras tantas milhões de pessoas também o fazem. (TRANCOSO, 2016, p.390)

Essa tendência de homogeneização tem como princípio que os jovens são mais consumidores do que produtores de cultura. Visão essa equivocada devido à própria noção de culturas juvenis, que se refere a uma heterogeneidade da existência e, pois, a muitos modos de ser jovem existentes, não podendo as juventudes ser reduzidas apenas a produto de uma cultura dominante. Na verdade vemos agrupamentos de jovens no enfrentamento ao modelo capitalista de festejar, assumindo estilos de vida, linguagens e formas horizontais de festejar, descolonizando visões e práticas.

[...] existem agrupamentos que se organizam por meio de vários catalisadores, como: bens culturais (roqueiros, punks, metaleiros, hip-hoppers, capoeiristas e Nerds), políticos (grêmios, partidos e/ou tendências políticas e outros), religiosos (evangélicos, carismáticos, umbandistas), de gênero (homossexuais e militantes LGBTQ), dentre outros. (LIMA FILHO, 2014, p. 3).

O pensamento descolonial nos ajuda a “dar voz” a outros estilos de vida tidos como subalternos diante da cultura vigente. Embora, sejam legítimos afirmar que sofrem as consequências do colonialismo, jovens igualmente repensam e refazem modos de ser e viver, assumindo estilos de vida que podem ser dissonantes em relação hegemônico e que, muitas vezes, são invisibilizados na tentativa de afirmação do hegemônico como inescapável e, assim, reforçando seu lugar de poder.

4. Estilo de vida descolonial

A diversidade de agrupamentos mostra que há muitas maneiras de expressar o jeito de ser próprio de cada grupo. Quando falamos em diversidade de jovens se agrupando nos referimos à convivência entre culturas diferentes sobrevivendo contra a cultura hegemônica, assumindo valores, comportamentos e gostos próprio do estilo de vida descolonial.

A noção de “estilo de vida”, segundo (GIDDENS, (2002); e FEATHERSTONE, (1995), diz respeito às escolhas que indivíduos e grupos devem realizar frente à variedade de possibilidades abertas pela (Pós-)Modernidade ligadas ao consumo e à constituição de auto identidade. No entanto, essas múltiplas redes relacionais, nas quais os jovens constroem suas identidades⁶, ações e significados (CARRANO, 2000), alteraram drasticamente os mecanismos de expressão de si e do pertencimento a grupos.

A construção de um estilo não é simplesmente a apropriação de um conjunto de artefatos, implica na disposição seletiva de elementos simbólicos. Nos termos colocados por Bourdieu, o “estilo de vida” é caracterizado pelo gosto, pela apropriação material e simbólica de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras. (BOURDIEU, 2007). Segundo DAYRELL (2005) trata-se de uma manifestação das culturas juvenis, expressa em um conjunto mais ou menos coerente de elementos materiais e imateriais que os jovens consideram representativos da sua identidade individual e coletiva.

Nesse sentido, destacamos um tipo de agrupamento juvenil que vivencia na prática reivindicações contra o modelo consumista de festejar, que são os grupos do Hip Hop⁷, assumindo identidade descolonial por reivindicar problemas da própria realidade social a qual pertencem.

⁶ Melucci afirma que a identidade na sociedade contemporânea é vivenciada como uma ação e não como uma condição. O indivíduo constrói seu reconhecimento, no interior dos limites postos pelo lugar ocupado e pelas relações sociais estabelecidas. Portanto, propõe uma mudança de conceito: *a mesma palavra identidade não é mais apropriada para exprimir essa mudança e será necessário falar identificação para exprimir o caráter processual, auto reflexivo e construído da definição de nós mesmo* (Apud CARRANO, 2000, p. 17).

⁷ Movimento que surgiu na década de 70 nos Estados Unidos, mas no Brasil representa agrupamentos juvenis que tem no espaço de lazer músicas, arte e dança para enfrentamento de diversos problemas sociais.

[...]o hip hop como uma cultura que nasce da necessidade de se descolonizar, nasce da recusa dos padrões europeus colonizadores estabelecidos como regra de dominação. Além de trabalhar a ideia de que o hip hop faz apreensões, percepções, “alegorias da cidade”, “crônicas”, versões de uma cidade baixa, suja, profana e ressignifica essa cidade, narra a cidade a partir de subjetividades inerentes aos seus integrantes. (NOBRE, 2018, p. 19)

Os elementos que compõem o hip hop são o (grafite, break, DJ e rap, além do conhecimento gerado pela prática dessas artes) Dentre eles, destaca-se o Rap com caráter mais polifônico e dialógico sendo “espaços” para descrever o opressor e buscar possíveis saídas. Como FANON (1968) trata de um mundo colonizado e de um projeto de descolonização, defendemos, portanto que “nosso mundo” ainda possui as características da colonização e que seria preciso um processo para descolonizá-lo e que o hip hop por suas características históricas e de relação social poderia vir a ser uma ferramenta útil para tal processo, como outras tantas que vêm sendo inventadas e reinventadas pelos jovens.

5. Conclusões

As redes sociais impulsionam o consumo festivo com valores ocidentais que vão desde a performance a uma homogeneização dos gostos e comportamentos. Dessa forma, cabe buscar arrancar de nós algo que foi incorporado como modelo festivo moderno e consumista, pois há potencialidades de lazer e sociabilidade juvenil descolonial que embora sejam invisibilizadas socialmente, subvertem essa estrutura opressora.

Um estilo de vida destacado, foram agrupamentos juvenis denominados Hip Hop, no qual encontra-se claramente uma crítica ao modelo de festa contemporâneo, adotando novas práticas, proporcionando uma nova experiência e, por conseguinte, criando um “novas pessoas” (FANON, 1968)

O hip hop é um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper com o consumo alienador das festas contemporâneas. É importante ressaltar que toda essa mudança de atitude descolonial também é política por negar o paradigma dominante e assumir uma forma diversificada de viver e cultura. Ao mesmo tempo, é necessário sublinhar que o Hip Hop aqui é apenas um exemplo dentre outros, trazido para evidenciar a pluralidade da relação entre jovens e festas no contexto contemporâneo.

Alcançamos os objetivos propostos de analisar o contexto macro que envolve o consumo de festas por jovens, desnaturalizar o modo capitalista desigual de festejar e na direção de compreender a experiência festiva de uma forma plural.

Referências

- AMARAL, Rita de Cássia. *Festa à brasileira: Significados do festejar no país que “não é sério”*. Tese de doutorado; Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.
- CARRANO, P. C. R. *Juventude: as identidades são múltiplas*. Revista Movimento, Editora DP & A, maio de 2000, nº 1.
- DAYRELL, Juarez. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação. Nº 24, set/out/nov/dez, 2003.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Ed^a11^a. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- ITANI, Alice. *Festas e Calendário*. Ed:Unesp, São Paulo, 2003. (Obra completa)
- LIMA FILHO, I.P. *Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesão e conflitos*. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, 2014, p. 103-118.
- NOBRE, Jorge Neto de Andrade. *Hip Hop cultura de rua: minha ferramenta de descolonização*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Acre, Programa de Pós – Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Ed. Almedina: SA. Rio de Janeiro, 2009.
- TRANCOSO, Alcimar Enéas. *Cultura como processo sócio-histórico e cultura juvenis: Elementos para reflexão*. Anais do I Simpósio Nacional de Aproximações com Mundo Juvenil. Disponível em: https://www.faculdadejesuita.edu.br/eventodinamico/eventos/index.php?pagina=grupo_conteudo&tela=33&evento=33. Acesso: 01/10/2020.